

Refinamento das reflexões sobre informação-comunicação

Refinement of reflexions on information-communication

■ MAYRA RODRIGUES GOMES*

MIÈGE, Bernard (2007).

La société conquise par la communication.

III. *Les Tic entre innovation technique et ancrage social.*

Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 237 pp.

RESUMO

Esta resenha acompanha as linhas de pensamento do livro de Bernard Miège, em que o autor se propõe a tarefa de analisar os desenvolvimentos técnicos através de suas determinações sociais. Reitera, com suas reflexões, a ideia de que a esfera técnica é constituída, igualmente, por lógicas sociais da comunicação, que reencontram os objetos técnicos e se sedimentam neles.

Palavras-chave: TIC, determinações sociais, lógicas sociais

ABSTRACT

This report follows the thought's trail of a book by Bernard Miège, in which the author proposes to analyze the technical developments through its social determination. He reasserts, with his examination, the conception that the technical dimension is constituted, equally, by social logics of communication. These encounter the technical objects and in them precipitate as sediment.

Keywords: TIC, social determination, social logics

* Mayra Rodrigues Gomes é professora doutora, livre docente, do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. É autora de *Jornalismo e Ciências da Linguagem; Repetição e Diferença nas Reflexões sobre Comunicação; Poder no Jornalismo; Comunicação e Identificação. Ressonâncias no Jornalismo*, além de inúmeros artigos científicos.

ESTA RESENHA SE debruça sobre livro de Bernard Miège, pensador que tem desenvolvido respeitada reflexão sobre o campo da comunicação. Com ela, pretende-se, apesar da extensão e densidade da obra, delinear os focos centrais e alguns de seus vieses.

O livro é produto de uma terceira etapa, em sequência de estudos e publicações. Recuperando resultados das fases anteriores, tem por objetivo examinar as relações complexas entre informação-comunicação e sociedade, sob a perspectiva das transformações provocadas pelos meios técnicos.

Consagrado à questão das técnicas de informação-comunicação, ao surgimento das TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação, desenvolve uma crítica com a qual se busca deslindar alguns equívocos que permeiam o campo da comunicação e constituem empecilhos ao bom andamento dos estudos neste campo.

Trata-se de um trabalho com perspectiva interdisciplinar, agregando conhecimentos, conceitos e perspectivas advindas das ciências de informação, sociologia, comunicação, semiótica, economia, política, psicologia e ciências cognitivas. Atravessa pensadores já consagrados e suas linhas de reflexão, comentando a aplicabilidade dos conceitos, ora problematizando-os, ora estendendo sua aceção. Visa, sobretudo, aclarar os efeitos promocionais correntes, quanto às TIC, que o autor chama de «discurso-promessa».

Para avançar nesse projeto reflexivo, que pretende discriminar a verdadeira participação das TIC em transformações nos modos de sociabilidade, dois eixos de orientação são propostos: a manutenção de uma lista ordenada dos aparatos tecnológicos que não resulte do critério de surgimento, mas do critério de bens e serviços, de produtos de mercado, de rede de aparelhos, ou utensílios/conteúdos; em segundo lugar, a concepção de que a ancoragem social das TIC se dá por processos considerados «lógicas sociais da comunicação», que operam com dinâmica própria, independente das TIC.

No capítulo 1, dedicado ao tecnodeterminismo como ideologia e ponto de inflexão dos estudos sobre informação-comunicação, o autor mostra a necessidade de estudos que não recaiam sobre a avaliação das mídias, pois nem todas as TIC desembocam em mídias, ou que não se orientem pela oposição antigo/novo, dada a mobilidade (surgimento/obsoletização, usos insuspeitados...) das tecnologias.

Assim, empreende um exame dos estudos que permanecem presos à redução do desenvolvimento da informação-comunicação ao avanço técnico, analisando tipos de argumentos/posições reincidentes, como os da antecipação dos usos que negligencia o fato de que os usos se criam indeterminadamente.

Tendo demonstrado que o tecnodeterminismo, em formas múltiplas, não propicia uma representação clara da contribuição da técnica para o desenvolvimento da informação-comunicação, o autor, no capítulo 2, procura colocar quatro proposições, ou pilares, que devem nortear o exame da técnica e seus papéis. Trata-se da questão da dupla mediação (a mediação é ao mesmo tempo técnica, porque o utensílio utilizado estrutura a prática, mas é também social, porque as formas de uso e o sentido conferido à prática brotam do corpo social); do foco no setor informação-comunicação, pois as TIC são diferentes das mídias (embora correlatas à difusão, essas não necessariamente difundem programas, já que são técnicas de comunicação e de mídias); da temporalidade a ser levada em conta nas análises (sem as oposições entre tempo longo e breve, mas enquanto propriedade cambiante); e das inovações enquanto libertas do princípio das mutações (afinal, as TIC acompanham movimentos em curso, reforçam e aceleram em direções imprevistas, com uma série de mudanças graduais).

Na sequência, o autor discorre sobre a constatação de que a informatização é um processo que faz fundo ao do funcionamento das TICs, definindo-o como “(...) um processo de uma lógica social da comunicação que se caracteriza pela circulação crescente e acelerada de fluxos de informação editado ou não, tanto na esfera privada quanto naquela do trabalho e naquela do espaço público” (p.66)¹. Levanta hipóteses interpretativas, a partir dessas três esferas, de modo a mostrar fluxos que se distribuem desigualmente, conforme a orientação para uma ou outra esfera, mas que implicam uma significação necessariamente plural do processo.

O capítulo 4 é dedicado à mediatização da comunicação, assim definida: “(...) mediatização se opõe a mediação e visa identificar os fenômenos mediados não por numerosas instâncias de mediação social mas pelo intermediário de mídias no sentido específico do termo” (p.81). Nele, percorre-se a obra de vários autores que se concentram no viés da mediatização, mas oscilam entre este e o da mediação, fato que gera discursos sobre fragmentação e espetacularização, previsões pessimistas e julgamentos morais, por meio da ênfase às oposições velho/novo, diretivo/interativo etc. Esses trabalhos impedem uma visão substantiva e o autor, para desviar-se deste empecilho, propõe uma operação de enquadramento, entendendo que mediatização implica a ação sobre conteúdos e o que se produz nas relações interindividuais.

O capítulo 5, focando o crescimento do domínio midiático, se desdobra a partir do exame, das nuances e implicações da seguinte afirmação:

1. Citações traduzidas do francês pela autora desta resenha.

De nosso lado, definimos regularmente as mídias como dispositivos sociotécnicos e sócio-simbólicos, baseados, cada vez mais, sobre um conjunto de técnicas (não mais sobre uma só técnica, como primitivamente), permitindo emitir e receber programas de informação, de cultura e de divertimento, com regularidade, ou mais e mais permanência, no quadro de uma economia que lhes é própria (assim, a economia de “duplo mercado” da imprensa), e cuja colocação em andamento é assegurada por organizações de especificidades marcadas (uma cadeia de televisão não seria confundida com uma empresa de produção de música gravada, quer dizer uma casa de disco), com destinação a públicos cujas características são mais ou menos estabilizadas (o funcionamento de jornais ou de cadeias de rádio não poderiam jamais acompanhar as variações erráticas do eleitorado ou da audiência). (p. 106).

Na próxima fase, ao comentar que ninguém discorda do fato de que as atividades comunicacionais são tecidas no seio da esfera mercantil, o autor salienta que a abordagem corrente entre os pensadores se contenta em opor, superficialmente, a situação atual (o empreendimento de grupos e empresas que dispõem de uma propaganda onipresente) a uma situação passada, descrita como orientada para a satisfação de bens e serviços considerados públicos. Para sanar essa insuficiência, ele propõe o exame de aspectos que implicam os consumidores/usuários, com ênfase na preponderância do consumo e na mercantilização das atividades comunicacionais.

O capítulo 7 discorre sobre a generalização efetiva, em que tudo se torna relações públicas, com origem na abertura da Internet e conexão estreita com as TIC, meio eficaz, para as organizações e instituições, sociais ou públicas, exercerem papel ativo no processo de informacionalização, difundindo suas próprias informações.

O autor prossegue, com um rastreamento extensivo, examinando o papel de diversas mídias no processo de generalização das relações públicas e as posições assumidas, por estudiosos, quanto a estas relações.

No capítulo 8, voltado para a notação da diferenciação das práticas, o autor aponta noções que são frequentemente tomadas umas pelas outras. No caso de levantamentos quantitativos, mostra um deslocamento que leva, por exemplo, a projeções construídas sobre observações de curto prazo. No caso do acompanhamento de comportamentos, condutas ou participações, sempre voláteis, mostra que não há condições de asserções seguras.

Por isso, ele critica o emprego da expressão «uso social», assim como o da expressão «usuários de internet». Este último é, segundo ele, um nome vazio, delineado pelo contraste com a noção de «não-usuário» sem, no entanto, definir

ou revelar algo da diversidade de usos e modos. Propõe um quadro de análise da evolução das práticas, a fim de dar conta das especificidades culturais e informacionais.

O nono e último capítulo, sobre a circulação dos fluxos e a transnacionalização das atividades info-comunicacionais, apresenta algumas definições, como as de globalização e mundialização, que servem a conduzir as reflexões do autor.

Para ele, termos como «era da informação», ou «sociedade das redes», são sustentados por trabalhos que acabam justificando a emergência de uma sociedade da informação, pois são discursos com uma teoria implícita da evolução técnica. As análises que os tomam como questões decididas, deveriam ser evitadas tanto por causa da insuficiência teórica e limitação prática, quanto por contribuírem para uma espécie de *doxa* ou sistema de crenças.

O autor convida ao exame do acesso às TIC e dos modos operatórios da mundialização, afirmando que:

Este percurso reflexivo pelo mundo das TIC, apoiado sobre trabalhos de pesquisa entre os mais recentes, permitiu, portanto, a colocação em evidência da complexidade da codeterminação entre técnica e social que está na origem da emergência e do desenvolvimento destes instrumentos e serviços que, com firmeza, devem ser tomados como sociotécnicos (p. 211).

Como é possível depreender, a partir da resenha aqui apresentada, o livro de Miège percorre as principais correntes teóricas que têm alcançado relevância nas reflexões sobre comunicação. Esta travessia, que analisa, pondera, critica e oferece contrapartidas, constitui uma espécie de depuração do pensamento, a ser mantida no horizonte dos estudiosos deste campo. ■

Resenha recebida em 10 de fevereiro e aprovada em 26 de fevereiro de 2009.